

CAPÍTULO 2

Eram nove e meia em ponto quando o táxi parou à porta do *Chez Marcel*, o restaurante de *nouvelle cuisine* onde Max tinha reservado mesa. Estava uma noite quente e agradável, nada característica do mês de maio. Viviane desejava que corresse uma brisa para aliviar o calor que sentia. Estava nervosa e estranhamente excitada. *É só um jantar. Não sejas tonta!*

Quando chegou à porta, pensou se deveria entrar. *É melhor esperar. Ele ainda não chegou. Se tivesse chegado, ficaria a aguardar cá fora.*

Era tão típico de Max fazê-la esperar. Ela entendia como uma forma de mostrar controlo. Normalmente seria uma coisa que a tiraria do sério. Um homem fazê-la esperar? Mas naquela noite não. Estava apenas ansiosa que ele chegasse e acabasse, de uma vez, com o seu tormento.

Passaram apenas cinco minutos mas pareceu-lhe uma hora. Nesse período, mil e uma ideias atravessaram-lhe o pensamento. Fugir e deixar uma nota ao empregado do restaurante a dizer que tinha tido um imprevisto. Inven-

tar uma constipação de última hora, viral e contagiosa, que a impedia de sair de casa. Pensou que não iria deixar que as coisas avançassem além da conversa normal entre dois amigos. Resistiria aos toques descarados dele e às mãos perdidas por baixo da mesa. Naquela noite, seria ela a marcar posição!

Avistou ao longe o vulto do homem que tão bem conhecia. Alto, moderadamente encorpado, a descer a rua em passo largo, seguro mas descontraído, preferindo ignorar completamente o facto de ela estar à sua espera. Àquela distância, já a teria visto. Mas nada na forma como se deslocava revelava qualquer ansiedade, qualquer hesitação, qualquer efeito de a estar a ver. *Sacana! Sempre tão controlado!*

Num movimento instintivo e inconsciente, agarrou a *clutch* retangular preta contra o corpo, como se isso pudesse defendê-la do olhar dele. Com o movimento, sentiu o volume dos objetos que tinha guardado na mala e ficou imediatamente mais segura. Aquilo ia surpreendê-lo. Teve a certeza de que, naquela noite, fosse quem fosse que dominasse, fosse qual fosse a intenção dele, deixaria Max sem chão.

Ele estava a poucos metros quando ela o conseguiu ver distintamente. Os cabelos castanhos, curtos, com uns jeitos rebeldes que convocavam carícias. Os olhos, mel-escuro, enigmáticos e desafiantes, que pareciam alimentar-se do acto de provocar. E as mãos. Aquelas mãos eram como uma maldição. Viciantes, inebriantes, com o poder de a fazer perder o norte e de a deixar louca. Eram um convite explícito ao descontrolo e à alienação. Ela conseguiria resistir a quase tudo, mas não àquelas mãos.

– Então, Vivi, como estás? – disse-lhe num tom cordial acompanhado por um piscar de olhos. – Já lá vão umas semanas desde que nos vimos. Estás bonita.